

ESSENCIAIS DO E-METRO 1961

por

L. Ron Hubbard



Série de clarificação: um

OS FUNDAMENTOS DO E-METRO

1961

CLEARING SERIES

VOLUME 1

por

L. Ron Hubbard

Uma cobertura espantosa e total do E-Metro incorporando todos os desenvolvimentos modernos e o seu uso em Assessments, Verificações de Segurança e Metas SOP.

O ELECTRO PSICÓMETRO HUBBARD é um instrumento eletrónico para a medição do estado mental e mudanças no Homo Sapiens.

A - FUNDAMENTOS DO E-METRO

Os Pontos Essenciais Seguintes dizendo respeito ao Eletrómetro têm de ser conhecidos pelo auditor.

1. Não existe qualquer forma conhecida de tornar alguém claro sem usar um metro.
2. Não existe qualquer garantia que um metro "rafeiro" ou não standard se comporte corretamente.
3. A única forma conhecida de aprender a usar um E-Metro é usando-o, lidando com um, praticar com um. A perícia no uso do metro depende da familiarização com um metro real.
4. Familiarize-se com o metro segurando-o, observando-o, ligando-o e desligando-o. Toque nele. Aproxime-se e afaste-se dele. Jogue às escondidas com ele. Não leia só livros sobre ele.
5. Ponha várias pessoas no metro. Trabalhe com elas em Verificações de Segurança, em verificações de rudimentos e em verificações de libertações. Verifique datas de incidentes.
6. Faça Assessments de Dinâmicas. Faça assessments de Metas.
7. A pessoa que diz que o metro não é um instrumento de precisão ou não está familiarizada com ele ou tem algo a esconder. As perguntas do auditor podem estar erradas. O metro nunca está.

B-TEORIA

1. O metro diz-lhe o que a mente do preclaro está a fazer quando se faz o preclaro pensar em algo.
2. O metro reage antes do preclaro ficar consciente do dado. Trata-se assim de um metro pré-consciente.
3. O metro faz passar uma corrente diminuta pelo corpo do preclaro. Esta corrente é influenciada pelas massas mentais, imagens, circuitos e maquinaria. Quando o preclaro pensa em algo, estes itens mentais mudam e isto é registado pelo metro.
4. Alguns preclaros estão metidos em massas mais densas do que outros. Deste modo o Braço de Tom pode registar muito em baixo (mais denso), muito alto ou normal.

5. Um preclaro de baixo tom pode não ser capaz de influenciar de nenhum modo a sua mente ou corpo e regista o mesmo que um corpo morto em dois ou três sem ação. Uma pessoa de tom baixo pode registar em dois ou três no Braço de Tom com uma agulha parada.
6. Um preclaro de tom médio varia ativamente as suas leituras no metro quer no Braço de Tom quer na agulha mesmo com uma baixa sensibilidade.
7. Uma pessoa de tom muito alto (claro) regista em dois ou três no Braço de Tom com uma agulha livre.
8. A diferença chave entre um preclaro de tom baixo e um de tom alto é vista na resposta da agulha, pois enquanto o de tom baixo tem uma agulha preguiçosa ou parada, a pessoa de alto tom tem uma agulha livre.
9. A pessoa de tom baixo não consegue responder inteligentemente a perguntas sobre ajuda.
10. Vemos assim que o E-Metro basicamente regista o corpo feminino em dois e o masculino em três. Se um thetan está "morto", ele não adiciona nem subtrai nada a este registo. Se um thetan estiver "parcialmente vivo", ele adiciona e subtrai a este registo. Se um thetan estiver "totalmente vivo" não estará necessariamente dentro do corpo que controla e, portanto, não adiciona nem subtrai ao registo.

C- PRATIQUE COM O BRAÇO DE TOM

1. Estes três tipos gerais de caso podem ter muitas variações. Existe sempre uma imitação de baixo tom dos tons mais altos. Para uma pessoa pouco treinada, um caso de baixo tom pode estar no registo de claro, não reativo com uma agulha do tipo colado. Não consegue, contudo, fazer nada na vida. Não consegue responder inteligentemente a perguntas sobre Ajuda ou Controlo.
2. O primeiro avanço de um caso de baixo tom pode ser baixar para a área abaixo de dois no Braço de Tom.
3. Devido à forma como o E-Metro está concebido, o Braço de Tom não pode passar para lá do fundo do mostrador. À medida que um caso de tom baixo ganha responsabilidade, o Braço de Tom vai de dois ou três para 1,5, depois para 1, para 6, para 5, para 4, para 3 (num homem) e depois para 2 (numa mulher). Isto ocorre, é claro, ao longo de um período grande de processamento, e leva muitas horas de audição e, ao longo desta, o Braço de Tom sobe e desce muitas vezes.
4. Muito poucos casos estão num estado "morto". A maior parte encontrar-se-á entre 4 ou 5 no Braço de Tom.
5. O Braço de Tom regista a Densidade da Massa (cristas (Ridges), imagens, máquinas, circuitos) na Mente do preclaro. Trata-se de verdadeira massa, não imaginária, que pode ser pesada, medida através da sua resistência, etc.
6. Portanto, o Braço de Tom regista o Estado do Caso em qualquer altura durante o processamento.
7. O Braço de Tom, ao mover-se, também regista avanço do caso durante o processamento. Um caso que não muda tem um Braço de Tom que não se move. Um caso que muda tem um Braço de Tom que se move.
8. Se um caso não se estiver a mover, o que quer que o preclaro diga, o Braço de Tom não se está a mover.
9. Se um caso se estiver a mover, o que quer que o preclaro diga, o Braço de Tom vai mover-se durante o processamento.
10. Se o Braço de Tom mostra movimento, continue o processo, o que quer que o preclaro diga.
11. Se o Braço de Tom não mostrar movimento, pode mudar o processo.

12. Mudar o processo quando o Braço de Tom mostra um bom movimento, é uma quebra do Código do Auditor, Cláusula 13. Do mesmo modo, continuar um processo que não esteja a produzir movimento do Braço de Tom, é uma quebra da mesma Cláusula.
13. Quando um nível da Escala de Pré-Havingness estiver esgotado para um terminal, o Braço de Tom estará a mostrar muito pouco movimento. Tem de se voltar a fazer o assessment para um novo nível na escala para o mesmo terminal, em cujo momento o Braço de Tom mostrará de novo movimento.
14. Quando todos os níveis da Escala Pré-Havingness que reagirem na agulha estiverem descarregados, o Braço de Tom não mostrará mais movimento, mas também não ficará congelado.
15. Trata-se de uma boa forma de julgar quando abandonar um processo. O julgamento é feito unicamente através da ação do Braço de Tom.
16. Quando o Braço de Tom amortece e não se move mais do que 0,5 cm para baixo ou para cima, é tempo de voltar a fazer um assessment. Continuar pararia o Braço de Tom e tornaria as ações da agulha tão perras que tornaria impossível um assessment. Vão sempre encontrar qualquer nível não esgotado da Escala de Pré-Havingness em futuros assessments, portanto não é perigoso deixar um assim. É perigoso abandonar um nível da Escala de Pré-Havingness se o braço de Tom estiver a mostrar movimento de uns dois cm para cima ou para baixo no mostrador do Braço de Tom, visto que o preclaro vai ficar confuso.
17. Agarre no Braço de Tom do seu E-Metro. Ponha-o em 4,5 no seu mostrador. Mova-o para 3. Mova-o para 5. Agora imagine um período de vinte minutos. Mova o Braço de Tom de 5 para 4, depois de 4 para 4,5, a seguir de 4,5 para 3,5, depois de 3,5 para 4,8 e finalmente de 4,8 para 4. Se tudo isto sucedeu ao longo de vinte minutos de processamento, é um Braço de Tom tremendo. O caso vai estar a melhorar muito. Neste caso não iria mudar o processo. Continuar a percorrer o mesmo.
18. Agarre de novo o Braço de Tom. Ponha-o em 3,5. Imagine um período de vinte minutos. Mova-o de 3,5 para 3,3. Mova-o de 3,3 para 3,6. Mova-o de 3,6 para 3,4. Se isto foi tudo o que sucedeu ao longo de um período de vinte minutos, fique alerta. É melhor voltar a fazer um assessment e procurar um novo nível para o terminal na Escala de Pré-Havingness. O Braço de Tom está prestes a ficar colado.
19. Mas não se surpreenda se o Braço de Tom subitamente subir de novo. Se isto suceder, continue com o mesmo processo.
20. Isto dá-lhe os dois extremos do movimento de Braço de Tom. O primeiro exemplo é um movimento excelente. O segundo é um movimento muito pobre. Entre estes dois exemplos temos uma variedade de tipos de movimento.
21. Quando usa o metro está a tentar (a) fazer um assessment para um processo que irá produzir Braço de Tom e (b) esgotar o movimento do Braço de Tom.
22. Quando o Braço de Tom não se move durante o processamento, uma de duas coisas é verdade: (a) não está a percorrer o processo correto ou (b) já o esgotou. O remédio para (a) é fazer um assessment melhor e percorrer outro processo. O remédio para (b) é fazer outro assessment.
23. O Braço de Tom a mover-se durante o processamento denota uma mudança na mente do preclaro. O Braço de Tom não se movendo durante o processamento denota que não há nenhuma mudança nas massas, imagens, maquinaria ou circuitos no preclaro.
24. Quando o preclaro chega a claro, pode ocasionalmente obter algum movimento de Braço de Tom devido a eletrónica puramente física do corpo, mas, principalmente, aparece em masculino ou feminino no braço (3 ou 2) de acordo com o seu sexo.
25. À medida que o preclaro se aproxima de claro, um assessment mais uns poucos comandos “descarregarão” as massas ligadas e, assim, esgotarão o terminal escolhido. Quando um pre-

claro se aproxima ainda mais, o próprio assessment esgota as massas restantes. Por conseguinte, quando nos aproximamos do estado, o movimento do Braço de Tom é cada vez menor, o que quer que se faça. Mas esta condição é auto evidente quando observada, pois o preclaro ganha cada vez mais controlo sobre o seu banco e cada vez é necessário menos tempo para remediar a condição.

D- A MECÂNICA

1. O Braço de Tom pára e encalha porque o assessment e o processo desenterraram e atiraram sobre o preclaro uma imagem, cadeia ou massa que o comando só em parte é capaz de as-isar. Quando o processo já não está a as-isar a imagem ou a massa e, no entanto, ainda a está a restimular, o Braço de Tom regista que esta ainda lá se encontra, mas que não tem mudança. É agora necessário outro processo da escala de Pré-Havingness para o mesmo terminal, a fim de as-isar outra porção da imagem, cadeia ou massa. Deste modo, Braço de Tom começará de novo a mover-se.
2. Particularmente no início do processamento, quando fazem overrun no processo de um nível da Escala de Pré-Havingness, podem puxar esta imagem, cadeia ou massa tão violentamente (criando um Braço de Tom encalhado) que um novo assessment se torna muito difícil visto que nada move o metro.
3. Pare de percorrer um nível enquanto ainda consegue ler o metro.
4. Se mesmo assim fizer um grande overrun, tente mesmo assim ler o metro num novo nível de assessment. Se não o conseguir, percorra o processo de mudança a fim de obter de novo ação do Braço de Tom e, depois, volte a fazer o assessment para o mesmo terminal. Será agora capaz de ler o metro. No entanto, ter de fazer isto, é bastante estúpido.
5. Os Processos aproximam ou ativam imagens, cadeias, massas, maquinaria e circuitos, e anulam-nos, clarificando assim as pessoas. A vida também lhes está a fazer isto permanentemente, sem os limpar depois.
6. Os mecanismos da mente durante a clarificação são apenas os que estão mencionados nesta secção. Tentá-lo sem metro, ou sem um perfeito conhecimento sobre este, está, é claro, para além da capacidade de observação do Homo Sapiens.
7. Unicamente um metro é capaz de registar esta mecânica. Apenas os Processos são capazes de eliminar estas barreiras à vida.

E- O BOTÃO DA SENSIBILIDADE

1. O botão da sensibilidade amplia o movimento da agulha.
2. Auditar com uma sensibilidade demasiado alta torna o trabalho do auditor pouco fiável.
3. Auditar com uma sensibilidade demasiado baixa torna a agulha ilegível.
4. O botão da sensibilidade é ajustado no início dos rudimentos, de qualquer assessment, de qualquer processo ou quando o auditor o quer verificar.
5. O acerto exato do botão é feito como se segue: Faça o preclaro segurar confortavelmente nas mãos os eléctrodos. Faça-o apertar as mãos e depois relaxar, mantendo as latas nas mãos. A agulha deve cair exatamente um terço do mostrador. Ajuste o botão da sensibilidade pedindo ao preclaro para apertar as latas de novo e observando a queda da agulha.

6. Em metros antigos, à medida que o preclaro se aproxima de release, não vai conseguir obter só um terço de mostrador – vai obter mais mesmo com o botão na sensibilidade mais baixa. Ponha-o tão baixo quanto possível e use-o mesmo assim.
7. Resumindo, ajuste o botão para uma agulha tranquila que, no entanto, se mova nas alturas corretas.
8. Se, em qualquer altura, a agulha não reage e quiser uma reação comparativa entre duas ou mais perguntas, aumente a sensibilidade, leia as reações às perguntas, e baixe-a de novo para continuar a audição.
9. Se mudar o botão da sensibilidade durante um assessment, terá de refazer todo o assessment com a nova sensibilidade visto que o tamanho da queda da agulha terá mudado.
10. Quando percorrer rudimentos, se suspeitar de algo, ponha o botão da sensibilidade mais alto.
11. Em particular quando suspeitar de withholds, leia com uma alta sensibilidade.
12. Mantendo um botão da sensibilidade constante durante um assessment ou durante um processo, vai descobrir como a agulha do preclaro está a reagir relativamente ao início do assessment ou do processo.

F- A AGULHA

1. A agulha é controlada pelo botão da sensibilidade, pelo Braço de Tom e pelas reações momentâneas ou pela mudança da reação do preclaro.
2. Existem dez ações principais da agulha:
 - (1) Encalhada (Stuck)
 - (2) Sem reação (nula)
 - (3) Queda (Fall)
 - (4) Mudança de Característica
 - (5) Subida (Rise)
 - (6) Dança Theta (Theta Bop)
 - (7) Murro da Rocha (Rock slam)
 - (8) Agulha livre
 - (9) Reações Físicas
 - (10) Estágio Quatro
3. Numa agulha totalmente encalhada (1) o preclaro nem sequer vai ter reação ao ser beliscado. Parece espetada e rígida. Numa agulha nula (2) a pergunta não muda o comportamento da agulha.
 Na presença de uma quebra de ARC com o auditor, é possível que a agulha não registre nenhuma reação, assemelhando-se assim a uma agulha nula. Por conseguinte, antes de marcar como nulo qualquer item de um assessment, de um prepcheck ou de uma pergunta de uma verificação de segurança, assegure-se de investigar (e reparar) qualquer quebra de ARC.
4. Uma agulha em queda (3) faz um mergulho para a direita (quando está de frente para o metro). Uma queda pode ser de meia divisão (cerca de 3 milímetros) ou pode consistir em quinze mostradores (a agulha varre o mostrador todo tendo de ser ajustada quinze vezes). Continua a ser uma queda. Uma queda sucede sempre com rapidez, no espaço de um ou dois segundos. Também se lhe chama Fall, mergulho ou leitura. Denota que a pergunta que foi feita despoletou um desacordo com a vida, sobre o qual o preclaro pode ter maior ou menor realidade.
5. A queda é a ação da agulha mais usada e observada. Significa para o auditor, 'Descobri', ou 'Obtive uma resposta do banco'. (É o clique do interruptor da luz a iluminar o caminho para onde vamos.)

6. As quedas medem-se umas em relação às outras. É por isso que deixamos a sensibilidade em paz quando procuramos algo pergunta a pergunta.
7. Dadas duas quedas, a maior é a correta. Por exemplo, uma pergunta sobre o 'João' obtém uma queda de um centímetro. Uma pergunta sobre a 'Maria', feita logo a seguir, obtém uma queda de um centímetro e meio. A resposta correta é 'Maria'.
8. Qualquer queda denota que há lá alguma coisa. Qualquer queda, a qualquer sensibilidade, nas perguntas de rudimentos, denota a presença de uma má reação à sala, uma quebra de ARC, um withhold ou um problema no presente e tem de ser limpa o que quer que o pc diga.
9. Uma queda segue-se imediatamente à pergunta que foi feita. Uma queda pode ter duas ou mais fases desde que estas tenham lugar dentro de um segundo ou dois após a pergunta.
10. A queda é a ação de diagnóstico do metro. Prepare o metro para quedas a partir de uma agulha quieta conforme dado no capítulo sobre a sensibilidade.
11. Quando começam, a primeira coisa que querem saber é, 'O metro está a ler este preclaro?' Faça o preclaro apertar as latas. Obtém uma queda quando ele o faz. "Ah, O metro está a lê-lo." O metro não está estragado, desligado ou com as latas não ligadas. É a queda que nos diz isto.
12. O que queremos saber a seguir são os rudimentos. É a queda que nos diz o que temos de manejar.
13. A seguir temos o assessment. É o tamanho das quedas que nos diz o que é correto visto que apanhemos sempre o que tem a maior queda obtida, sendo a sensibilidade mantida constante.
14. A seguir temos o processo. Ignoramos agora a queda e, em vez disso, observamos o Braço de Tom. A agulha é claro que se tem de mover para que o Braço de Tom mova, mas, até querermos mais respostas do tipo rudimentos ou até querermos um novo assessment, ignoramos a agulha e observamos unicamente o Braço de Tom.
15. Mudança de Característica (4). Por vezes, tal como no velho Assessment de Dinâmicas, não conseguimos obter quedas limpas naquilo que procuramos. Um outro guia é a Mudança de Característica da agulha.
16. A agulha está a fazer um padrão de pequenas subidas e quedas. Fazemos a pergunta e ela pára. Fazemos nova pergunta e ela retoma o padrão de subidas e quedas. Aquela paragem foi uma Mudança de Característica. Ou, por exemplo, a agulha permanece parada enquanto fazemos uma longa série de perguntas, mas, subitamente, faz uma pequena dança. Trata-se de uma Mudança de Característica.
17. Uma Mudança de Característica ocorre quando batemos em algo no banco do preclaro. Ocorre unicamente e de cada vez que fazemos essa pergunta exata. Visto que só esse item ou pergunta muda o padrão da agulha, assumimos que é o correto e usamo-lo.
18. Uma pergunta que pára uma agulha a subir é uma pergunta de Mudança de Característica e, tal como se fosse uma queda, significa que batemos em algo. Se explorarmos um pouco mais, normalmente transforma-se numa queda.
19. Usando a 'Mudança de Característica' conseguimos, por vezes, pôr o pé à porta e entrar num canal que faz surgir quedas.
20. Todo um assessment pode ser feito usando Mudanças de Característica bem como quedas, mas não é vulgar e, de facto e de qualquer modo, desenvolverá quedas se estiver em cima de algo 'quente'.
21. Não é muito usada, mas tem de ser conhecida visto que, mais cedo ou mais tarde terá de ser usada quando não conseguirmos obter quedas.

As únicas reações da agulha em que deve estar interessado são as que ocorrem INSTANTANEAMENTE, isto é, no período entre um décimo de segundo a meio segundo após ter feito a pergunta ao preclaro.

22. Subidas (Rises) (5). Uma agulha a subir significa 'nenhum confronto'.
23. É claro que a agulha tem de subir às vezes ou o Braço de Tom não se moveria. Mas, mesmo assim, significa que o preclaro embateu numa área ou em algo que não está a confrontar. Nunca se lhe chama a tenção para isto. Mas sabe-se do que se trata.
24. O único uso que uma agulha a subir tem, nesta altura, é sabermos que temos de parar de subir na escala de Pré-Havingness com o assessment de um terminal quando ela surge. Ultrapassá-mos a realidade do preclaro e ele já não está a confrontar. É melhor voltarmos atrás e descer a escala antes de termos as coisas demasiado irrealis para ele, pedindo-lhe se o terminal pode fazer coisas que o preclaro não o consegue imaginar a fazer.
25. O circuito, valência ou a maquinaria correta, quando evocada, parará a agulha que está a subir. Isto já foi usado mas já não o é necessariamente empregue hoje em dia.
26. A agulha a subir, portanto, não é muito usada, mas tem de se saber reconhecê-la. Trata-se de um movimento uniforme e constante da agulha, bastante lento, da direita para a esquerda.
27. Uma agulha que volta à posição depois de uma queda, não é uma agulha a subir.
28. A Dança Theta (Theta Bop) (6) é uma dança, pequena ou grande, da agulha. Ao longo, digamos, de três milímetros (dependendo da sensibilidade, pode ir a seis milímetros), a agulha sobe e desce talvez cinco a dez vezes por segundo. Sobe, pára, desce, pára, sobe, pára, etc., sempre a mesma distância a com velocidade constante.
29. A Dança Theta significa 'morte', 'abandono', 'não quero estar aqui'. É causada pelo ioiô do preclaro, como thetan, vibrando para fora e para dentro do corpo ou de uma posição no corpo. A agulha é como se ressaltasse entre dois picos através de um estreito vale.
30. Mencione 'morte' a alguém (ou faça-o pensar nela) enquanto esta está ao metro e verá uma Dança Theta.
31. O seu uso é detetar se o preclaro foi deixado preso em 'morte' ou para localizar mortes ou abandonos.
32. Se um preclaro quiser muito sair de sessão, pode começar uma Dança Theta sem estar preso em 'morte'. Mas são raras as Danças Theta que significam que o preclaro queira sair de sessão. É mais vezes despoletado pelo 'desejo de abandonar a sessão' durante uma verificação de segurança.
33. Se tiverem uma 'dança' a surgir durante um assessment (ou uma verificação de segurança) leva, por vezes, bastante tempo a desaparecer. Por conseguinte, as perguntas feitas a seguir à 'dança' raramente têm reações válidas. Continue simplesmente com o assessment, mas tenha o cuidado de passar uma e outra vez pelo mesmo campo se estiver a obter uma 'dança'. As Danças Theta são rápidas a surgir e lentas a desaparecer.
34. Não são muito importantes no diagnóstico. São mais interessantes do que vitais.
35. O Murro da Rocha (Rock slam). No assessment ou na audição apanhará, ocasionalmente, um Murro da Rocha. Isto significava originalmente (e ainda se mantém) que está na cadeia da rocha.
36. Um Murro da Rocha é um movimento da agulha louco, irregular, desigual, aos solavancos, tão estreito quanto dois centímetros e meio, ou tão amplo quanto sete centímetros e meio, sucedendo várias vezes por segundo. A agulha enlouquece, batendo de um lado para o outro, pouco, muito, para a esquerda, para a direita, numa louca dança de guerra, ou como se estivesse freneticamente a tentar escapar. Significa um terminal 'quente' ou qualquer outra coisa 'quente' num assessment e tem precedência sobre uma queda.
37. Difere da Dança Theta (que não tem precedência sobre a queda) na medida em que a dança theta é regular e gentil e o Murro da Rocha é tão furiosa como um agitador comunista.
38. Se a encontrar num assessment, use-a, mas assegure-se do que a fez surgir antes de a apanhar. Significa que o item está quente.

39. Se a encontrar durante um processo, continue simplesmente. Significa que o processo é quente, portanto, por amor de Deus não pare a sessão!
40. Agulha Livre (8). Trata-se talvez do termo e ação da agulha menos compreendida em todo o assunto E-Metro.
41. Significa um movimento preguiçoso, não influenciado, o que quer que se diga sobre a meta (goal) ou terminal. Não é simplesmente nula, não é influenciada por nada (exceto reações corporais).
42. É realmente livre!
43. Saberá quando vir uma. São realmente bastante espantosas. A agulha simplesmente se passeia e boceja com a vossa pergunta no assunto.
44. Ela não acontece até a pessoa estar bem acima de release, portanto não se preocupe com ela até a ver.
45. Use o termo NULA e não Livre se estiver na dúvida sobre ela. Uma agulha NULA é aquela que simplesmente não cai numa pergunta. Pode cair numa pergunta semelhante. Uma Agulha Livre não cairia nem se os psiquiatras se rendessem em grupo ou se o Empire State Building caísse.
46. Uma Agulha Livre significa, quando usada como uma expressão, "O preclaro está a aproximar-se muito de claro."
47. As agulhas apertadas (encalhadas) estão longe de serem livres. Uma agulha encalhada pode ser feita cair pondo a sensibilidade no máximo. Portanto, até uma agulha encalhada pode ser uma nula. Mas uma agulha flutuante não está encalhada nem é nula. Flutua simplesmente por ali.
48. Reações Físicas (9). Um respirar profundo do preclaro, um suspiro, um bocejo, um espirro ou um arroto, qualquer deles pode fazer a agulha reagir.
49. Ponha a pessoa nas latas. Suba a sensibilidade. Peça-lhe para fazer o seguinte, um de cada vez: suspirar, bocejar, respirar fundo, tossir, rir, tocar com as latas uma na outra, levantar um dedo da lata, apertar convulsivamente as latas, coçar a cabeça enquanto segura as latas, coçar uma perna, esfregar uma lata na camisa ou saia, esfregar os dedos uns nos outros sem largar as latas e espreguiçar-se. Tome nota das reações da agulha. Agora faça a pessoa fazer tudo isto de novo à medida que você as lê. Agora desça o botão da sensibilidade de modo a que a agulha caia um terço de mostrador (cerca de quarto centímetros). Agora, com essa sensibilidade, leia a lista à pessoa e observe a agulha.
50. Vê agora porque é que não audita com uma alta sensibilidade?
51. Estas são reações físicas.
52. O metro também lê o Metabolismo Basal. Isto é interessante porque nos diz se o preclaro realmente anda a comer ou se tomou o pequeno almoço. Faça o preclaro nas latas encher o peito de ar. Se, um momento mais tarde a agulha cair um meio mostrador (cinco centímetros ou mais) o preclaro tem um bom Metabolismo Basal. Se não tiver comido pequeno almoço, não vai cair assim. Após o segundo ou terceiro respirar fundo, o Metabolismo Basal pára de registar, portanto, a primeira vez é o teste e não as tentativas seguintes.
53. Também pode fazer com que a agulha, com uma alta sensibilidade, salte, 'imaginando' as mãos do preclaro a estarem melhor ligadas às latas e 'vendo' uma radiação branca entre as latas e a ponta dos dedos. Isto se estiver em boa forma. Também o pode fazer 'vendo' esta radiação na área de uma antiga lesão do preclaro. É esta a extensão da sua influência sobre o preclaro e leitura do metro fora da audição.
54. Também pode (após ter estado a falar com um preclaro e não a processá-lo) preparar o metro para si próprio e depois entregar as latas ao preclaro e o metro reagirá a ele com os mesmos ajustamentos durante alguns momentos.

55. Isto são tudo mais ou menos Reações Físicas. Atravessam-se no seu caminho como movimentos e espirros e não afetam o seu processamento em relação às 'correntes cruzadas' entre auditor e preclaro.
Portanto enfrente-as e passe por cima delas. Não são importantes uma vez que saiba do que se trata.
56. Estágio Quatro (10). Trata-se do único sobrevivente de um velho sistema (20thACC) que usava quatro estágios de reações no metro como teste para o estado de um caso.
57. Uma agulha Estágio Quatro ainda é importante para identificar um preclaro que, como caso, não vai a lado nenhum.
58. Um Estágio Quatro está abaixo de uma agulha meramente encalhada. Nem os pensamentos do preclaro nem a maior parte das vossas perguntas têm qualquer peso no seu caso. Indica um caso próprio para os CCH. Mas não é só um estágio quatro que precisa de CCH. (Veja a Verificação Tipo Um do Diretor de Processamento para casos que precisam de CCH.)
59. Possivelmente, o processo de atenção e o de mudança podem 'morder' neste caso.
60. Uma agulha Estágio Quatro sobe cerca de dois a quatro centímetros (sempre a mesma distância), pára e depois cai. Sobe, pára e cai. Sobe, pára e cai, cerca de uma vez por segundo. É muito regular, sempre a mesma distância, sempre o mesmo padrão, uma e outra vez e nada do que possa dizer ou que o preclaro diga a altera (exceto, é claro, reações do corpo).
61. Quebre esta ação do metro extraindo withholds ou pensamentos maus, fazendo a Verificação de Segurança de Joburg ou usando os CCHs, e terá ultrapassado o nível mais baixo de caso.
62. Mas trata-se de um fenómeno desconsolador. O E-Metro não reage a nada exceto a uma pancada na cabeça. Par cima, pára, cai, para cima, pára, cai. Sem parar, como um metrônomo acertado para a marcha fúnebre de Saúl. Reconheça-a quando a vir. Até que a quebre, não haverá mudança de caso.

G- ENCONTRANDO OS PROCESSOS DE HAVINGNESS E CONFRONTO

1. Existe uma forma exata de testar os Trinta e Seis Processos de Havingness e Confronto no E-Metro.
2. Encontra-se com a agulha o Processo de Havingness fazendo o preclaro apertar as latas antes de se testar o comando e após este ser dado entre cinco a oito vezes.
3. Se o Segundo aperto mostrar uma agulha mais livre (um dançar mais amplo) do que no primeiro aperto, o comando é este. O comando que estavam a testar é o Comando de Havingness para o preclaro e pode, daí em diante, ser usado de vez em quando para preparar a sala nos rudimentos, aumentar a Havingness antes ou após os processos, e no fim da sessão, usando só dez a doze comandos de cada vez.
4. O Processo de Confronto que consta das Trinta e Seis Pré-Sessões, é localizado através do Braço de Tom. 4. Se oito a dez comandos de um deles moverem o Braço de Tom, é este o Processo de Confronto a ser usado após os outros processos e antes do Processo de Havingness.
5. Testa-se a Havingness com a Agulha e um aperto das latas.
6. Testa-se o Confronto com o Braço de Tom através do seu movimento.
7. Se o processo de Havingness que se está a testar emperrar a agulha, livre-se dele. Não faça a ponte. Largue-o simplesmente.
8. Se o processo de Confronto que está a ser testado não mover o Braço de Tom após oito a dez comandos, saia dele. Não faça a ponte (Não dê mais nenhum comando)

9. O Processo de Havingness selecionado, mesmo que seja o correto, se for auditado por tempo demais (mais do que dez ou vinte comandos), começará a mexer no banco. Isto não prejudica o preclaro, mas não é o seu objetivo. Se percorrer o Processo de Havingness durante quinze minutos a meia hora, o Braço de Tom pode 'dar tombos' em direção a Clear. Mas, por outro lado, isto pode não suceder. O objetivo do Processo de Havingness é estabilizar o preclaro no seu ambiente. Também vai fazer outras coisas se for overrun, nenhuma dela má, mas há outros processos que as fazem melhor.
10. O Processo de Confronto traz o preclaro para o presente retirando-o de áreas na pista onde a sua atenção ficou fixa por um processo anterior.
11. O uso do Processo de Havingness do preclaro (dez a doze comandos de cada vez) e do Processo de Confronto do preclaro (dez a quinze minutos terminando com o preclaro no presente ou próximo) seguido do Processo de Havingness, seguido do Processo de Confronto, etc., etc., se continuado, tal como se disse antes, traz muitas vezes o preclaro para a leitura de clear. A isto chama-se estabilizar um caso. Deve ser feito antes da pessoa ser aceite como um Release. Neste momento, nunca é feito para início de um caso, apesar do nome dos Trinta e Seis Processos de Havingness e Confronto (Pré-Sessões). Podemos hoje em dia iniciar casos mais rapidamente com as Metas SOP., atenção, mudança ou com os CCHs. Mas o comportamento do metro e a necessidade dos Processos de Havingness e Confronto, permanece a mesma. Nalgum ponto do caso têm de ser feitos. São normalmente feitos após as primeiras Metas SOP. de terminais e metas estarem esgotadas na Escala de Pré-Havingness, e devem ser feitos antes de se aceitar uma pessoa como Release. Isto só pode ser feito com um E-Metro.

H- VERIFICAÇÃO DE SEGURANÇA

1. Quando usar o metro para Verificações de Segurança, estabeleça a resposta da agulha a perguntas vulgares (sem significado especial). Com isto não se deixará enganar por uma queda verdadeira quando ela surge.
2. Nas perguntas com significado, procure quedas. Uma queda significa 'Oh, diabo! Apanhou-me.' Não abandone uma pergunta que esteja a obter quedas como resposta, até estar seguro de que lhe foi dito tudo e até a agulha já não cair quando fizer a pergunta.
3. Se a agulha ainda cair na pergunta, passa-se uma de duas coisas: (a) o preclaro não disse tudo; ou (b) passa-se numa vida passada e, conscientemente, ele desconhece o que é (visto o metro preceder a consciência do preclaro)
4. No caso (a), continue a fazer a pergunta de várias formas diferentes até estar limpa (sem quedas com uma sensibilidade alta – e gire o botão para cima numa pergunta que não tenha respondido bem quando feita a primeira vez e gire-o de volta para onde estava antes de avançar para a seguinte).
5. No caso da possibilidade de uma vida passada, acrescente à sua pergunta de segurança: 'Nesta vida?'. À medida que o repete, se a falta foi numa vida passada, a queda desaparecerá.
6. A pessoa que está a ter uma verificação de segurança está sujeita a dispersão mental. Pode acontecer que só obtenha uma queda e depois nenhuma durante uma ou duas repetições e, depois, de novo uma queda. Você não fez exatamente a pergunta correta. O preclaro está a tentar ignorá-la. Se obtiver um vestígio de queda ou de reação numa pergunta, a regra é malhar nela até à morte, variando o fraseado da pergunta ou mudando ligeiramente o tipo de pergunta. De qualquer modo, fique muito seguro de não deixar qualquer vestígio de reação ou mesmo reação, até estar certo de que não terá mais desenvolvimentos.
7. Se o preclaro lhe der um withhold, faça sempre de novo a pergunta (aliás como em todos os Rudimentos) pois pode não ser tudo.

8. A queda desaparece se o preclaro disser tudo. A queda permanece ou aumenta se o preclaro estiver a fugir.
9. Numa folha de trabalho de segurança, siga toda a mudança de característica antes de continuar. Uma mudança de característica, se tiver alguma importância, vai transformar-se numa queda.
10. Se o preclaro não disse tudo (ou se tiver acontecido numa vida passada) o metro não vai ficar limpo.
11. Não se deixe enganar por desculpas. Não deixe de dar crédito ao metro (esta é a primeira coisa que o preclaro tenta fazer quando se sente apertado).
12. O metro está correto.
13. Se uma pergunta não ficar limpa, então o caso é (a) ou (b) acima e nada mais.
14. A triste experiência de uma década ensinou-me que só pode ser (a) ou (b) e nunca 'Fui eu que movi a agulha' ou 'Sinto-me nervoso com tudo isto'. O E-Metro está correto mesmo quando parece estar a pôr o preclaro errado.
15. A marca de um bom Verificador de Segurança é uma suspeita total e venenosa e nenhuma confiança nem na humanidade nem no diabo – só no metro.
16. O CASO DAS PESSOAS NÃO VAI AVANÇAR ATÉ ESTAREM LIVRES DE TODOS OS WITHHOLDS. PORTANTO, UMA VERIFICAÇÃO CUIDADOSA É REALMENTE, NO FINAL DE CONTAS, UMA AMABILIDADE.

I- PECULIARIDADES DO METRO

1. Existem poucas exceções às regras do E-Metro. Trata-se de um estudo composto por factos que, ou têm respostas corretas ou erradas e as respostas às perguntas sobre o E-Metro são todas a branco e negro.
2. Estas são as exceções conhecidas:
3. Algumas pessoas (muito poucas e em muito mau estado) têm uma subida quando apertam as latas. Trata-se de uma ação invertida. Não significa nada a não ser que têm de ser metidas nos níveis inferiores.
4. Alguns preclaros, em muito má forma, têm Murros da Rocha quando estão a ter uma verificação de segurança, e não se consegue descobrir em quê. Visto que nada limpa o murro, têm de terminar, serem auditados e tentarem de novo.
5. Na África do Sul, os withholds de um Bantu, leem não só na agulha como também no Braço de Tom. O Braço de Tom chega a subir duas divisões (3 a 5) imediatamente antes de lhe extrair um bastante mau.
6. Os Braços de Tom altos (ou muito baixos) significam montes de withholds – mas podem não ter consciência deles todos de uma vez. Eles saem sessão a sessão, à medida que avançamos.
7. A forma de libertar as mãos de um preclaro de modo a este poder apontar para coisas, é segurar ambas as latas na mão direita com um papel entre elas de modo a não fazerem curto-circuito. Se mudar de mãos e ele as segurar com a esquerda, o metro lerá deferentemente. Isto só significa que ele está desequilibrado eletronicamente (antigos epicentros) e não tem mais qualquer uso.
8. Os preclaros por vezes afirmam que estão a forçar o metro e 'é por isso que ele lê'. Poderia perguntar-lhes 'Então porque não o impedes de ler?' – mas realmente não o faça.
9. O metro 'sabe' mais sobre o preclaro do que o preclaro. O metro está a ler massas criadas das quais o preclaro se está a conter. O preclaro não vai confrontar tudo o que está a criar. Esta é a onisciência do metro.

10. Datar coisas com o metro já não tem a importância que tinha mas, um auditor treinado, deve ser capaz de o fazer. Não é aqui abordado pois poucos o sabem fazer bem e parece tão complicado que poderiam perder as coisas importantes, as quais estão todas neste livro. A datação é abordada em A AUDIÇÃO ELECTRO-PSICO-MÉTRICA, o primeiro livro sobre o metro, bem como no livro posterior O ELETRÓMETRO HUBBARD.
11. Outra peculiaridade sucede quando se pede a um preclaro para fazer um teste de reação à mentira. Alguns vão ter uma queda só na verdade. Outros vão ter uma queda toda a vez que lhes for pedido para responderem pela negativa, outros só com respostas pela positiva. Não é importante. O importante sobre os testes de reação à mentira é se o E-Metro está a ler na pessoa ou não, e as respostas características da agulha a perguntas vitais permanecem as mesmas. O teste de reação à mentira é dado a fim de se estudar o padrão da agulha do preclaro e não para estabelecer as suas mentiras.

J- FRAGILIDADES DO METRO

1. As falhas ocorrem em E-Metros novos ou após um longo uso. E são poucas.
2. Se o metro não registar o aperto que o preclaro dá às latas, pode não estar ligado, as latas não estarem conectadas ou pode não estar a funcionar. Veja a folha de instruções sobre como preparar esse metro em particular e siga-as antes de decidir que o metro está estragado.
3. Se o metro registar o aperto das latas normalmente está em boas condições de funcionamento.
4. As baterias raramente se descarregam num Eletrómetro Hubbard Britânico, visto o consumo ser equivalente à 'vida na gaveta' da bateria mesmo que o deixe ligado durante dias, noite e dia. Este já não é o caso com o Eletrómetro Hubbard Americano (caixa metálica). As baterias podem descarregar-se se o metro for deixado ligado durante dias.
5. Se o metro não estiver em boas condições de funcionamento quando lhe chegar às mãos, envie-o ao fabricante ou ao Diretor de Materiais numa Organização Central ou HCO para ser reparado. Não tente arranjá-lo sozinho.
6. Se estiver a responder a um aperto das latas quando ligado de acordo com as instruções, é sem dúvida de fiar ao longo de toda a audição. Os Eletrómetros Hubbard não ficam ligeiramente avariados. Ou funcionam ou não.
7. Há uma exceção: Os primeiros modelos do Eletrómetro Hubbard Britânico e Americano tinham um potenciómetro de carvão o que quer dizer que o Braço de Tom 'funcionava a carvão' se assim o quiserem. Um pouco de pó podia entrar no potenciómetro e fazer a agulha dar um Murro de Rocha quer o preclaro estivesse ligado às latas ou não. Neste caso, retire a ficha (desligando as latas) e se o murro continua, é o potenciómetro que está a falhar. Rode vigorosamente durante algum tempo o Braço de Tom. Se isto não o fizer parar, introduza um pouco de fluido leve no apoio do Braço de Tom pelo lado da frente do E-Metro. Se isto não o resolver, envie-o para ser reparado. Os modelos posteriores do Eletrómetro Hubbard Britânico e Americano têm potenciómetros de fio enrolado e isto não sucede.
8. Se as baterias se descarregarem após um ano ou dois, o 'test' não vai registar na sua área do mostrador da agulha. Verifique se o metro está preparado para ser usado antes de usar o 'test', visto que, no metro Britânico, o teste pode ser colocado fora de posição pelo botão de afinação a zero (trim) e vai pensar que as baterias estão descarregadas quando não estão. Se estiverem descarregadas, arranje umas novas. Há-as à venda em qualquer loja de artigos elétricos. Qualquer pessoa as pode instalar. É mais barato do que enviá-lo, mas o HCO pode fazê-lo se assim o desejar.
9. Os antigos metros (com válvulas) que eram ligados à corrente ainda funcionam com estas mesmas regras. Mas fazem passar uma corrente desconfortavelmente forte através do preclaro

e por vezes dão-lhe um choque. Para além disso, após o modelo de 1950, tornaram-se demasiado modernos com demasiados botões e mostradores para que possam ter uma utilização inteligente. Demasiadas variáveis podiam ser introduzidas nele.

10. Os metros de 'esquilos' ou metros feitos em casa podem estar corretos ou não, mas são conhecidos por um comportamento inexato da agulha. Alguns nem mostram Danças porque o potenciômetro usado era demasiado barato.

Outros registam com meio segundo ou um segundo de atraso nas perguntas. Há outros que têm uma agulha tão leve que registam tudo o que for possível. Só confio em tipos de metros que eu próprio tenha verificado, assegurando-me de que registam o preclaro e não a TV local. Os metros baratos, a preços de saldo provaram serem muito caros a longo prazo. Desenvolvi o E-Metro corrente com centenas de testes e a ajuda de peritos e sei como pode ser errado o desenho de um metro.

11. O novo Eletrômetro Hubbard Mark IV Britânico (já pronto) e o Americano (quando for construído) são os melhores metros que alguma vez tivemos e serão o padrão durante muitos anos. São construídos por uma das melhores firmas Inglesas de instrumentação e os seus componentes são fabricados especialmente por uma firma muito antiga.

K- FUTUROS METROS

1. Tenho um metro inteiramente diferente em desenvolvimento com um objetivo completamente diferente. É para ser usado acima de Clear até OT., uma zona não abrangida pelo E-Metro.
2. Estarão disponíveis no final de 1961.
3. Será chamado de Metro OT. Tenho trabalhado nele desde 1952 e já o tenho bastante adiantado.
4. O Metro OT. não vai tirar o lugar ao E-Metro, o qual continuará em uso enquanto tivermos Homo Sapiens para auditar.

NOTA: Desde a primeira edição deste livro, o Hubbard Mark V Avançado tornou-se no único E-Metro autorizado. Para informação sobre a compra do Mark V veja a página a seguir ao índice deste livro. – O Editor.

L- SUMÁRIO

1. O Braço de Tom, o Botão da Sensibilidade e a Agulha formam três partes distintas do funcionamento do E-Metro.
2. O Braço de Tom mostra mudança de caso e ação do processo. A Agulha mostra a significância do caso e realidade. O Botão da Sensibilidade é uma lupa para a agulha.
3. A Agulha mostra (exceto quando se procura o Processo de Confronto) O Que auditar. O Braço de Tom mostra Como está a correr.
4. Quando estiver a procurar, observe a agulha.
5. Quando estiver a percorrer um processo, observe o Braço de Tom.
6. A reação da Agulha que mais se procura, é a queda.
7. As reações mais procuradas do Braço de Tom são: (a) mudança de posição e (b) paragem de mudança de posição.
8. A perícia no metro vem de se conseguir grande familiaridade com ele, de o manejar e de o usar.
9. Maneje o metro. Estude este livro. Maneje o metro. Estude este livro.